

O binômio ensino-pesquisa compõe a parte dinâmica da Universidade, sendo seus alicerces assentados numa infraestrutura que permite fluir o progresso das idéias. O aluno é parte integrante desta dinâmica: com ele aprendemos e com ele ganhamos. Quando falamos em pesquisa, devemos ressaltar a importância da nossa Pós-Graduação, que vem atendendo a um número invejável de estudantes, inclusive do exterior, sendo reconhecidamente incentivada por órgãos financiadores, contando, ainda, com recursos provenientes de convênios assinados com empresas públicas e privadas.

A formação de recursos humanos foi e deve ser a linha

mestra a ser seguida pelo Instituto. Com esta filosofia, temos condições de buscar o desconhecido sem o compromisso dos resultados pragmáticos, que às vezes podem ser desestimulantes. Que este efeito em cadeia na formação de recursos humanos se propague para os nossos formandos e os formandos dos nossos formandos, indefinidamente.

Dispensar pouca atenção ao ensino e à pesquisa é esquecer as origens deste Instituto e a forma pela qual foi planejado. Na busca do propósito de torná-lo reconhecido pela comunidade nacional e internacional, teve participação relevante o nosso homenageado de hoje, o Prof. Cilento.

## ASSUNTOS GERAIS

---

### A AVALIAÇÃO DOS PESQUISADORES EM QUÍMICA

Gouvan C. de Magalhães

*Prof. do Departamento de Química da Universidade Federal do Ceará*

Recebido em 19/2/86

Aceito em 5/11/86

Ao revelar recentemente o excelente artigo de João Batista Araújo e Oliveira (1) ocorreu-me fazer algumas considerações sobre a avaliação do pesquisador em Química.

Araújo e Oliveira em certa altura, no referido artigo, diz o seguinte: "Em ambientes mais desenvolvidos e estáveis, em termos científicos, a cultura parece agir dentro de uma lógica que informa o sentimento: ajudo porque gosto, mas gosto porque é competente. Gosto e avaliação vêm juntos. Em culturas onde múltiplos critérios agem simultaneamente, e onde outros fatores compõem o quadro de instabilidades institucionais, como na brasileira, essas duas categorias são dicotomizadas: gostar nem sempre está ligada a considerar competente, mas os dois critérios pesam na avaliação".

Confrontando esse pensamento de Araújo e Oliveira com o que tem acontecido na área da Química, acreditamos que a falta de critérios objetivos para gostar tem sido dominante.

Há, por exemplo, pesquisadores classificados inexplicavelmente pelos comitês assessores (CA) do CNPq como bolsistas de pesquisa nos níveis mais altos (I-A), e há outros pesquisadores, consagrados por anos de serviços prestados, classificados em níveis que os desmerecem.

O mesmo tem se dado em relação aos auxílios para financiamento à pesquisa. Sabemos de pessoas ou grupos, que receberam, por exemplo, centenas de milhares de dólares para pesquisar, e ao examinarmos o "curriculum vitae" das

pessoas ou grupos beneficiados ficamos estarecidos com a coragem dos financiadores. Ao procurarmos saber os resultados obtidos com tais financiamentos, deparamo-nos com nenhum resultado, zero de publicações, zero de patentes.

Seria necessário que o CNPq desse conhecimento público, com ampla divulgação dos nomes dos bolsistas, da instituição, dos seus respectivos níveis e o que é mais importante, que divulgasse os critérios adotados na seleção.

Seria também saudável que a FINEP esclarecesse os critérios adotados para o financiamento às pesquisas e que divulgasse os resultados obtidos com as pesquisas financiadas.

Sabemos que critérios de avaliação para a atividade científica é coisa difícil de estabelecer, mas para que haja seleção é mister dispor de critérios.

Sabe-se que a cultura dominante na nossa sociedade é permeada por mecanismos autoritários, patriarcais, onde os interesses pessoais se impõem e onde, "líderes" se apropriam dos aparelhos administrativos para satisfazerem seus projetos pessoais, mesmo nos órgãos governamentais destinados a gerar a educação e pesquisa.

Algumas vezes o processo de seleção de assessores resulta em grande perda para a comunidade científica, pois o indivíduo premiado pela escolha (pescado) sente-se de tal maneira privilegiado pelo sistema que se auto-exclui da comunidade e adere incondicionalmente ao aparelho técnico-burocrático.

Como avaliar, então, o pesquisador em Química?

Para se avaliar um pesquisador teremos que examinar o que ele fez (em Ciência o que o pesquisador "pretende fazer" não serve como critério de avaliação de mérito, pois de bem intencionados as Universidades andam cheias). Há uma tendência em anos recentes de se valorizar muito a quantidade de publicações, embora todos saibam que nesse caso específico mais vale a qualidade.

Como saber da qualidade de um trabalho científico?

Uma maneira simplista é verificar em que revista foi o trabalho publicado e avaliar a qualidade do trabalho pelo renome do periódico (valoriza-se também muito os trabalhos publicados em revistas de língua inglesa, tal como se valorizavam as missas celebradas em latim). Uma maneira mais criteriosa de se avaliar um trabalho seria examinando que contribuições o mesmo trouxe para o progresso do conhecimento naquele domínio.

Para fazer esse tipo de avaliação é preciso que o avaliador tenha parâmetros. Se forem tomados como parâmetros pesquisas feitas em centros desenvolvidos do exterior, as nossas pesquisas não resistiriam ao confronto - o ritmo seria mais lento, as técnicas menos sofisticadas e os resultados certamente já conhecidos, salvo quando pesquisados assuntos de interesse local.

Nada mais justo, portanto, que os parâmetros dos avaliadores se situem dentro de nossas fronteiras.

Nos limites das nossas fronteiras, por outro lado, não deveria ser permitido a adoção dos mesmos critérios para pesquisas feitas, por exemplo, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e na Unicamp, visto que os níveis de desenvolvimento regionais são diferentes.

Discremos no sistema implantado no país para financiamento à pesquisa através de órgãos centralizados como o CNPq, FINEP e outros. Seria mais justo alocar recursos às Universidades.

Nas Universidades públicas realiza-se quase que a totalidade das pesquisas científicas do país. As Universidades públicas financiam a formação e custeio do pessoal mais qualificado que trabalha em pesquisa nos seus laboratórios. Deveria, portanto, caber à Universidade o planejamento e financiamento das pesquisas feitas.

O volume dos recursos atribuídos a cada Universidade para a pesquisa seria uma questão política a ser decidida a nível nacional. O financiamento a projetos específicos se-

ria encaminhado às instituições financiadoras interessadas através da Universidade, e seria eliminada a figura das fundações particulares que, a título de agilizar a administração, vem exercendo um poder paralelo privatizante e desorganizador dos colegiados da Universidade.

Tendo-se em conta que a capacidade de produzir de um pesquisador é fortemente influenciada pela sociedade que o abriga, tem-se que levar em consideração a relação mais ampla do cientista com o seu local de trabalho. Não é justo, portanto, que se valorize tanto e somente a publicação em si.

Quanto às publicações, gostaríamos de chamar a atenção para um detalhe técnico e de muita importância. Trata-se dos casos freqüentes de publicações com vários autores. Às vezes um nome consta de uma publicação porque o autor é chefe de um convênio, diretor de um laboratório ou administrador influente. Outras vezes uma publicação pode conter vários nomes que identificam todas as figuras acima relacionadas e mais o nome daquele que realizou a pesquisa. Os pesquisadores, por hábito, ao lerem trabalho de pequeno vulto com vários autores não se espantam, e entendem que se trata de mais um trabalho feito para engrossar "curriculum vitae".

Uma outra questão obscura é também a ordem em que os nomes dos autores aparecem nas publicações. É conhecido o caso de um pesquisador americano que inventou a ordem alfabética para sanar a questão. Esse pesquisador possui, iniciando os seus nomes, as primeiras letras do alfabeto. Assim sendo, o seu nome aparece sempre em primeiro lugar, evitando que o seu nível de participação seja questionado.

Concluimos, dizendo que a avaliação do mérito de pesquisador é tarefa árdua e que deve ser feita com tempo e cuidado. Nos processos de avaliação, a transparência dos critérios adotados é fundamental, pois só assim se dará chance à comunidade científica para corrigir as distorções e valorizar os merecedores.

#### Referência:

João Batista Araújo e Oliveira, *Revista Brasileira de Tecnologia*, 15, 33 (1984).